

## A necrópole romana de Torre Velha 13 (S. Salvador, Serpa)

Lídia Baptista<sup>1</sup>  
Rui Pinheiro<sup>2</sup>  
Zélia Rodrigues<sup>3</sup>

### RESUMO:

Torre Velha 13 foi identificado aquando dos trabalhos de acompanhamento arqueológico levados a cabo no âmbito da execução do Bloco de Rega de Brinches-Enxoé, em Serpa (Beja). Trata-se de uma necrópole romana de inumação provavelmente associada a *villa* romana designada como Torre Velha 1, cuja área funerária

agora se identificou. A extensão, ainda desconhecida em toda a sua amplitude, indicia uma ocupação prolongada, provavelmente dos finais do século I até ao século III d.C.. O estudo destas novas evidências arqueológicas poderá contribuir certamente para compreender melhor o povoamento rural desta região.

### ABSTRACT:

Torre Velha 13 is a Late Roman site located in the south of Portugal at Salvador, (Serpa, Beja). It was identified in 2009 during the construction of a water pipeline promoted by EDIA SA. These works allowed the identification of a necropolis (22 graves) probably associated with Roman *villa* called the Torre Velha 1.

The characteristic of the burial contexts indicates that the occupation could have occurred during the 1<sup>st</sup>, 2<sup>nd</sup> and 3<sup>rd</sup> century A.C. The study of these new archaeological evidence can certainly contribute to further understanding of the Late Roman rural settlement of this region.

1 - CEAUCP – CAM, Aluna de Doutoramento da FLUP, Bolseira da Fund. para a Ciência e a Tecnologia (lidiabap@gmail.com)

2 - Arqueólogo, colaborador da Histórias & Tempus (ruipinheiro14@sapo.pt)

3 - Antropóloga, colaboradora da Histórias & Tempus (zelimaria@hotmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

Torre Velha 13 foi identificado no âmbito do acompanhamento arqueológico dos trabalhos de abertura de valas e melhoramento de caminhos inerentes à execução do Bloco de Rega de Brinches-Enxoé. Estes trabalhos arqueológicos, a cargo da empresa Histórias & Tempus, foram promovidos pela EDIA SA. A estação localiza-se, do ponto de vista administrativo na freguesia de Salvador, concelho de Serpa, distrito de Beja. Trata-se de uma necrópole implantada a meia encosta volta a sudoeste, entre os Barrancos da Torre e da Laje. A intervenção arqueológica contemplou a realização de 18 sondagens, permitindo a escavação de 19 sepulturas e registo de três possíveis sepulturas que não foram intervencionadas. Os elementos artefactuais recuperados, principalmente os vasos cerâmicos, apresentam formas e pastas que nos permitem balizar

provisoriamente o uso deste espaço entre os séculos I e III d. C.

Aumas centenas de metros, localiza-se a Torre Velha 1, intervencionada primeiramente nos anos 80, e mais recentemente pelas equipas das empresas Palimpsesto e ArKaios no âmbito do Projecto de construção da Barragem da Laje (EDIA, S.A.), onde se identificaram estruturas tardo-romanas e níveis de ocupação posteriores. Dos materiais recolhidos destaca-se a presença expressiva de materiais de época imperial, o que parece denunciar a existência de um núcleo habitacional desse período (DE MAN, PORFÍRIO & SERRA: 2010). Nas proximidades identificaram-se mais dois núcleos habitacionais de cronologia tardo-romana, Torre Velha 3 e Torre Velha 7.

## 2. O PERÍODO ROMANO NO CONCELHO DE SERPA – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Abordar o período Romano no concelho de Serpa implica a sua inclusão no quadro da problematização da extensão e organização do território da *civitas* de *Pax Iulia*, fundada no século I a.C..

No ponto em que se encontra a investigação, referente a este período e área geográfica, parece consensual entre os investigadores (ALARCÃO 1988; LOPES 2003) que o espaço compreendido entre o rio Guadiana e o rio Chança integraria o território da *civitas* de *Pax Iulia*, constituindo este último curso de água, simultaneamente, o limite das *civitas* de *Pax Iulia* e *Arucci* e das províncias da Lusitânia e da Bética.

Com efeito, os testemunhos arqueológicos actualmente conhecidos revelam uma ocupação significativa durante o período romano no espaço do actual concelho de Serpa. A identificação destes decorre do trabalho de prospecção realizado em meados dos anos noventa pela equipa de arqueologia que elaborou a Carta Arqueológica do Concelho. E mais recentemente, por escavações arqueológicas decorrentes da execução de projectos do empreendimento Alqueva, por parte da EDIA, SA..

Com base no texto de síntese referente à ocupação romana da Carta Arqueológica de Serpa (LOPES, CARVALHO:1997), os investigadores apresentam uma tipologia para os sítios identificados, no quadro de um modelo de organização funcional e hierarquizado do

território, na qual se incluem: *Villas*, Casais e Pequenos sítios.

No primeiro tipo - *Villae* – preferencialmente implantam-se em suaves encostas localizadas em áreas de boa aptidão agrícola, nas imediações de linhas de águas, tais como Cidade das Rosas ou o Monte da Torre Velha. As *villae* localizam-se, preferencialmente, junto de vias principais ou com fácil acesso a estas. Muito embora os autores não tenham estabelecido o limite da área ocupada pelas *villae* identificadas no concelho de Serpa, adiantam que estas constituíram, “*mediante vicissitudes várias, propriedades de diferente dimensão ... ultrapassando área de mais de 50ha*”. (LOPES, CARVALHO, 1997:138).

O segundo tipo – *Casal* - correspondendo a uma “*unidade autónoma de exploração familiar*” individualiza-se da *villa* por ocupar uma menor superfície de terra, apresentar uma menor área construída (entre 0,1 e 0,3 ha), menos opulenta, e menor variedade dos objectos da vida quotidiana. Podendo corresponder a unidades de exploração agro-pastoril, estes sítios poderão ter funcionado como núcleos especializados em “*actividades de produção não agrícola*”(LOPES, CARVALHO, 1997: 139-140).

Destacámos desta análise a referência às necrópoles, em que os autores defendem a existência de espaços privados para enterrar os mortos em cada *villa* e em

cada *casal*, usualmente localizados nas imediações da residência, das quais se destacam as necrópoles da Herdade do Facho, Courela do Espicharrabo/Bicharrabo, Corte do Alho 3, relacionadas, respectivamente, com as *villas* do Facho, Espicharrabo 1 e Corte do Alho. Mas advertem: “Apesar do elevado número de necrópoles que se constituíram, são muito poucas aquelas que se conhecem. Porém, a memória da sua existência é-nos constantemente transmitida por informações que relatam que, “quando a máquina andava a charruar, levantaram-se umas sepulturas que tinham lá dentro ossos e uns

vasos”. Os vasos perderam-se e a localização exacta também.”(LOPES, CARVALHO 1997:141)

Ao terceiro grupo pertencem pequenos sítios, identificados por materiais (*tegulae*, *imbrices* e cerâmica comum) em número reduzido, cuja dispersão ocorre por áreas com aproximadamente 300/400m<sup>2</sup>. Corresponderão a sítios caracterizados por “edifícios modestos, nalguns casos construídos em taipa e cobertos com materiais perecíveis”(LOPES, CARVALHO 1997:140) funcionando como estruturas de apoio à exploração do *fundus*.

### 3. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

A intervenção arqueológica permitiu o registo de 19 sepulturas (e mais três possíveis sepulturas que não foram afectadas) que constituem parte de uma necrópole do período imperial Romano, seis das quais albergavam restos ósseos humanos, os quais se caracterizam pelo seu fraco estado de preservação e elevado grau de fragmentação. Todos os esqueletos estavam incompletos e, à excepção do [1605], praticamente reduzidos ao negativo de escassas peças ósseas constituintes do esqueleto humano. O péssimo estado de conservação dos ossos exigiu uma apurada avaliação anatómica para poder delimitar e identificar os elementos do esqueleto que em alguns casos não resistiram ao levantamento ou até chegarem ao gabinete. Com efeito, como veremos mais adiante, tal situação é notória no estado de conservação de todos os materiais.

Para além destes aspectos, é também de referir uma certa irregularidade na cota de ocorrência das sepulturas, tal situação parece-nos estar relacionada com o relevo do substrato geológico e subsequentes níveis de cobertura. Tratam-se de solos coluviais, muito argilosos e compactos, de coloração castanha e tonalidade clara.

Na observação da planta geral da intervenção e distribuição espacial das sepulturas parece-nos possível que a necrópole se estenda preferencialmente para Norte/Nordeste, isto é, para o topo da colina, onde, actualmente, se encontram os edifícios e alfaiais agrícolas do Monte da Torre Velha.

Quando consideramos a disseminação das sepulturas na área afectada pelos trabalhos arqueológicos, é de considerar a existência de dois Núcleos. O Núcleo I localiza-se no lado Este e é constituído por duas áreas:

a Área A contempla as Sepulturas N.º 1 a 7 e a Área B é composta pelas Sepulturas N.º 8 a 15. O Núcleo II é constituído pelas Sepulturas N.º 16, 17 e 18, encontrando-se relativamente afastadas para Oeste. Considerando a orientação das estruturas e a sua distribuição espacial, é de salientar que, no Núcleo I, as sepulturas apresentam uma orientação NE-SW, sendo que, no Núcleo II, as sepulturas se encontravam implantadas W-E.

Tendo como base de classificação a tipologia proposta por Ricardo González Villaescusa (2001) (tabela 1), as soluções arquitectónicas presentes neste espaço funerário correspondem a três tipos. O tipo mais representado (10 exemplares) é *Fossae com cubierta horizontal de tegulae*, que corresponde a uma vala escavada na terra ou substrato geológico, apresentando uma forma tendencialmente paralelepipedica, sobre a qual assenta uma cobertura de telhas dispostas na horizontal. Com 4 ocorrências surge o tipo *Estructura de tegulae a doble vertiente*, trata-se de uma estrutura com cobertura de telhas formando um telhado de duas águas, sendo que, em alguns casos, são estruturadas com o auxílio de pequenas pedras, fragmentos de *dolium* e *imbrex*. A sepultura da sondagem 16 corresponde ao único exemplar de *cista de tegulae*, morfologicamente similar à anterior, apresenta um revestimento em telhas nas paredes da vala. De destacar a presença de 18 elementos em metal na sepultura da sondagem 14 (corresponderão a possíveis pregos/tachas, em ferro, em mau estado de conservação) indiciando o uso, quanto a nós esporádico, de caixas em madeira para a colocação dos inumados. A propósito da colocação dos cadáveres, realçamos a identificação de *imbrex* na área de cabeceira na sepultura 7B da sondagem 7.

Cruzando alguns dos aspectos que consideramos

na caracterização das estruturas e a sua distribuição espacial, salienta-se que os três tipos de estruturas identificados distribuem-se com frequência desigual entre os dois núcleos, sendo que: o tipo *Estructuras de*

*tegulae a doble vertiente* é exclusivo do Núcleo I - Área A e o único exemplo de *Cista de tegulae* ocorre no Núcleo II; as *Fossae com cubierta horizontal de tegulae* ocorrem nos dois núcleos.

Tipologia (González Villaescusa 2001)	Sepulturas	N.º total
<i>Estructuras de tegulae a doble vertiente</i>	1, 2, 4 e 5	4
<i>Fossae com cubierta horizontal de tegulae</i>	3, 6, 7A, 7B, 8, 9, 11, 15, 17 e 18	10
<i>Cista de tegulae</i>	16	1
Indeterminado	10, 12, 13 e 14	4

Tabela 1: Classificação das sepulturas da Torre Velha 13, segundo a tipologia proposta de González Villaescusa 2001.

Quanto à componente artefactual exumada, advertimos desde já, que as condições da jazida, nomeadamente a natureza dos solos, provocaram grande deterioração das pastas cerâmicas, quer dos vasos e lucernas, quer das tégulas e imbrices. Assim, a remontagem das peças cerâmicas ficou condicionada.

Perante os constrangimentos enunciados, resta-nos apontar algumas particularidades das “oferendas” identificadas associadas com as inumações e/ou à área de inumação (nos casos em que os restos osteológicos não sobreviveram).

Não é nossa intenção a elaboração de uma tipologia numa amostra tão reduzida, apenas disponibilizar uma descrição preliminar baseada numa análise macroscópica das peças recuperadas. Assim, em traços largos, todos os vasos apresentam pastas alaranjadas, grosseiras e friáveis, indiciando um fabrico local/regional. As formas representadas correspondem a exemplares de pequenas/médias dimensões e paredes finas, nos quais predominam os potinhos/potes.

Foram também recuperadas 4 lucernas. A lucerna presente na sepultura da sondagem 1 é o único exemplar.

decorado, que, muito embora apresente superfícies e fracturas muito erodidas é possível avançar que se encontra completa. Esta apresenta um corpo circular, de orla arredondada onde são visíveis motivos decorativos (linhas e pontos) e disco circular e côncavo, com uma representação de difícil aferição, com o orifício de alimentação quase ao centro. Este exemplar apresenta pasta esbranquiçada, bastante depurada. A lucerna da sepultura da sondagem 9 (Figura 10 – g) encontra-se inteira, apresenta corpo circular, de bico redondo e orla arredondada. O disco é côncavo com orifício de alimentação quase ao centro. Apresenta uma pasta alaranjada, muito grosseira com abundantes grãos de quartzo. As lucernas das sepulturas das sondagens 7 e 15 encontram-se muito incompletas, e apresentam as pastas alaranjadas, bastante grosseiras e friáveis.

Conscientes da possibilidade de reajustamentos e correcções à luz de novos dados e análises laboratoriais e uma vez que os elementos recuperados não permitem uma datação mais fina, apontamos provisoriamente uma cronologia entre os séculos I e III d.C..

#### 4. DADOS ANTROPOLÓGICOS

Da sepultura [108] apenas se recuperou um osso, provavelmente, a diáfise do fémur direito do indivíduo que nela foi inumado. Do indivíduo [204] preservaram-se o crânio, úmero direito, um dos ossos longos do antebraço esquerdo (rádio?), fémures e tibia esquerda. Para o [506] foram recuperados os seguintes elementos ósseos: crânio, úmero direito, rádios e/ou cúbitos,

costelas, ilíaco esquerdo (?) e fémures. O esqueleto [1105] está representado apenas pelo crânio, rádios, cúbitos e tibia direita enquanto que na sepultura identificada na sondagem 18 foram recuperados um cúbito e um rádio, provavelmente, direitos e a diáfise do fémur direito. O indivíduo [1605], é o que está mais completo, tendo-se preservado todas as peças ósseas à

excepção do sacro, rótulas, alguns ossos das mãos e os ossos dos pés. Foram identificados alguns fragmentos das vértebras que no entanto não resistiram à exumação (tabela 2).

A ausência da maioria dos elementos ósseos nos indivíduos identificados parece dever-se sobretudo às características dos solos envolventes que são extremamente ácidos e impermeáveis. A acidez é uma característica química que contribui para a degradação do material osteológico, provocando a sua corrosão, solubilização e descalcificação (NAWROCKI, 1995). Estes fenómenos induzem o aumento da ocorrência de fracturas tafonómicas, conduzindo a que os ossos se tornem mais susceptíveis ao esmagamento por acção mecânica do solo. O facto do solo ser impermeável proporcionou a criação de um ambiente húmido no interior das sepulturas onde proliferariam certamente microorganismos, que contribuíram para a descalcificação e fragilização das peças ósseas. Todos os restos ósseos foram recuperados em condições de elevada humidade, particularmente, o esqueleto [1605], cuja sepultura que o albergava terá sido implementada junto a uma linha de água, o que dificultou as suas escavação e exumação, uma vez que o nível de água no seu interior estava constantemente a subir e a formar lama.

Um outro aspecto a destacar é o facto de os restos ósseos, na maioria dos casos, terem ainda sofrido a pressão das tégulas que cobriam ou estruturavam lateralmente as sepulturas. Estes elementos construtivos ao precipitarem-se para o interior das sepulturas induziram a compactação e subsequente fragmentação dos ossos.

Refira-se ainda, e no âmbito dos factores extrínsecos, o factor acção humana patente na destruição parcial da sepultura identificada na sondagem 1, [108], aquando da abertura da vala do empreiteiro. Também a utilização agrícola da área intervencionada deverá ter sido uma das causas para a remoção ou até mesmo destruição parcial das estruturas e das próprias inumações. Desta actividade advêm também a presença de algumas raízes que proliferavam um pouco por toda a área de inumação. As raízes podem ser muito destrutivas para os ossos, para além de poderem deixar marcas que se parecem com alterações patológicas. A sua acção

deve-se à secreção de ácido carbónico e outros ácidos orgânicos, tais como o ácido cítrico. Estes conduzem à dissolução da matéria mineral do osso provocando muitas vezes ranhuras e canais dendríticos que se assemelham a redes na superfície destes. Podem ainda alterar a cor dos ossos por descalcificação pela segregação dos ácidos, fazendo com que as zonas onde as raízes actuaram sejam mais claras que o osso adjacente (WHITE, 2000).

Estamos conscientes que os factores de cariz tafonómico condicionaram seriamente a preservação da amostra e consequentemente a qualidade dos registos obtidos a nível funerário, paleodemográfico, morfo-métrico e paleopatológico. Não obstante, foram extraídas algumas informações para os indivíduos exumados deste local.

A observação *in situ*, permitiu constatar que os mesmos foram inumados em sepulturas com tipologias distintas, numa orientação maioritariamente Nordeste (cabeça) - Sudoeste (pés), em posição de decúbito dorsal, com os membros, quando preservados, estendidos e paralelos ao corpo, notando-se ligeiras flexões, e inferiores estendidos e paralelos entre si.

A análise paleodemográfica revela uma amostra constituída, aparentemente, por seis indivíduos adultos, um deles, [1605], provavelmente, do sexo feminino e os restantes de sexo indeterminado. Morfologicamente, e no que respeita à estatura, a sua determinação, apenas foi praticável para os indivíduos [204], [506] e [1605] e com recurso a medidas obtidas em campo, revelou estaturas, de um modo geral, não muito elevadas (tabela 3). Saliente-se, desta forma, a extrema importância da antropologia de campo. Os registos obtidos *in situ* são imprescindíveis e em muitos casos os únicos que permitem alcançar algum conhecimento acerca da biologia e demografia das populações pretéritas.

Do ponto de vista paleopatológico, foram encontradas evidências paleopatológicas, no indivíduo [1605], não muito graves e de cariz oral (uma cárie, desgaste dentário e tártaro) que parecem traduzir, sobretudo, parcos cuidados de saúde oral. No estudo dos indicadores de stress registaram-se hipoplasias lineares do esmalte dentário nas peças dentárias do indivíduo [1605] que indiciam que este indivíduo passou por episódios de stress durante a sua vida.

Indivíduo (UE)	Orientação (crânio-pés)	Tipo de deposição	Posição do crânio	Posição dos membros superiores	Posição dos membros inferiores	Espólio associado
107	NE <sup>1</sup> -SW <sup>2</sup>	Decúbito dorsal	Ausente	Ausentes	Apenas se preservou o fémur direito	Lucerna
204	NE-SW	Decúbito dorsal	NO <sup>3</sup>	MD <sup>4</sup> apenas se preservou o úmero, ME <sup>5</sup> semiflectido num ângulo de 120°	Estendidos e paralelos entre si	Ausente
506	NE-SW	Decúbito dorsal	Sobre o lado esquerdo	MD esticado e paralelo ao corpo, ME semiflectido numa ângulo de 120°	Apenas se preservaram os fémures	Ausente
1105	NE-SW	Decúbito dorsal	NO	MD flectido num ângulo de 90° e ME semiflectido num ângulo de 120°	Apenas se preservou a tibia direita	Pote
1605	O <sup>6</sup> -E <sup>7</sup>	Decúbito dorsal	Sobre o lado esquerdo	Estendidos e paralelos ao corpo	Estendidos e paralelos entre si	Ausente
1804	NE-SW	Decúbito dorsal	Ausente	MD flectido num ângulo de 45° com a mão, provavelmente, sobre o peito, ME ausente	NO	Ausente

Tabela 2: Orientação, tipo de deposição, posição do crânio e membros e espólio associado para os indivíduos exumados do Sítio da Torre Velha 13.

Indivíduo (UE)	Medidas utilizadas	Valor de Estatura (cm)	
		M	F
204	Comprimentos máximos do fémur e da tibia esquerdos	146,03 cm (±3,17)	143,75 cm (±2,76)
506	Comprimento máximo do fémur direito	154,13 cm (±3,56)	153,00 cm (±3,56)
1605	Comprimentos máximos do úmero e fémur direitos e tibia esquerda	-	163,70 cm (±2,67)

Tabela 3: Estimativa da estatura, de acordo com as proposta de Olivier e colaboradores (1978), para os indivíduos [204], [506] e [1605], exumados do Sítio da Torre Velha 13.



A reduzida dimensão da amostra estudada, aliada ao péssimo estado de conservação dos restos ósseos exumados, tornam os dados obtidos insuficientes para o conhecimento e compreensão do *modus vivendi* da comunidade inumada nesta necrópole. Para uma

melhor compreensão do contexto populacional destes indivíduos seria imprescindível futuras intervenções na necrópole, dado que esta foi apenas parcialmente escavada, bem como, o estudo do espólio osteológico de outras necrópoles de cronologia coevas.

## 5. NOTAS FINAIS

Este texto pretende constituir um momento de partilha do conhecimento produzido e avançar com uma proposta de inserção desta necrópole num quadro cronológico-cultural regional.

Apesar dos poucos resultados aqui descritos, esta intervenção representa uma, entre muitas, que tiveram lugar recentemente no concelho de Serpa. Na realidade, os dados de escavações arqueológicas são significativos, não apenas para o período romano, mas, para os séculos subsequentes.

O repto que se pretende lançar, é sem dúvida, maximizar os resultados destas intervenções, inserindo-

os num projecto de investigação mais alargado, contribuindo para o conhecimento da rede de povoamento rural romano, mas sobretudo aprofundarmos os nossos conhecimentos sobre a evolução dos núcleos rurais após a queda do Império.

No vale da laje, esta problemática está patente, não só pela identificação desta necrópole do período imperial, mas, porque as estruturas tardo-romanas na Torre Velha 1, Torre Velha 3 e Torre Velha 7, parecem apontar para uma continuidade no sistema agrário vigente (DE MAN, PORFÍRIO & SERRA: 2010).

## AGRADECIMENTOS:

Este trabalho não teria sido possível sem o empenho de todos os elementos que compõem a equipa de campo e de gabinete. Os desenhos e fotografias de espólio ficaram a cargo de Rui Pinheiro e João Molha, respectivamente. O estudo e inventário do espólio

recuperado foram efectuados por Rui Pinheiro e Nelson Vale, com o apoio de Francisco Barros, José Grilo e Cláudio Jorge. As ilustrações foram realizadas por Lúcia Baptista e Rodry Mendonça. A todos, o nosso agradecimento.

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. (1988) *O domínio Romano em Portugal*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1988.
- ALVES, C.; COSTEIRA, C.; ESTRELA, S.; PORFÍRIO, E & SERRA, M. (2010) "Análise preliminar dos contextos da Antiguidade Tardia do sítio Torre Velha 3 (Barragem da Laje, Serpa)", comunicação apresentada no 4.º Congresso de Arqueologia do Alqueva, Beja.
- BELTRÁN, Miguel (1990) *Guía de la cerámica romana*, Zaragoza, Libros Pórtico.
- DE MAN, Adriaan, PORFÍRIO, Eduardo & SERRA, Miguel (2010), "O sítio romano da Torre Velha 1. Trabalhos de 2008-09 (Barragem da Laje, Serpa)", comunicação apresentada no 4.º Congresso de Arqueologia do Alqueva, Beja.

- FABIÃO, C. (1992), "A romanização da agricultura" In MATTOSO, J., dir. *História de Portugal*. Lisboa : Círculo de Leitores. Vol. I, p. 269-277.
- FABIÃO, C.; GUERRA, A.; LAÇO, T.; MELRO, S. & RAMOS, A. C. ( 1998) "Necrópole romana do Monte Novo do Castelhinho (Almodôvar)", *Revista Portuguesa de Arqueologia* , volume 1. número 1, 1998, p. 199-220.
- GONZÁLEZ VILLAESCUSA, Ricardo (2001) *El Mundo Funerario romano en el País Valenciano. Monumentos Funerarios y sepulturas entre los siglos I a. de C. - VII d. de C.*, Madrid, Casa de Velázquez/Instituto Alicantino de Cultura «Juan Gil-Albert».

- LOPES, Conceição (2003) *A cidade Romana de Beja. Percursos e debates acerca da civitas de Pax Iulia*. 2 vols., IARQ, Coimbra.
- LOPES, Conceição; CARVALHO, Pedro C. (1997) "O período Romano: Mutações da Paisagem" In LOPES, M.C.; CARVALHO, P.C.; GOMES, S.M. - *Arqueologia do Concelho de Serpa*. Serpa: Câmara Municipal de Serpa, 1997. p. 135-143.
- NAWROCKI, S. P. (1995) . "Taphonomic processes in historic cemeteries" In Grauer, A. L. (ed.). *Bodies of evidence: reconstructing History through skeletal analysis*. New York. Wiley-Liss: 49-66.
- NOLEN, Jeannette U. Smit (1985) *Cerâmica Comum de Necrópoles do Alto Alentejo*, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança.
- OLIVIER, G.; AARON, C.; TISSIER, G. 1978. "New estimation of stature and cranial capacity in modern men". *Journal of Human Evolution* 7: 513-518.
- WHITE, T. (2000) *Human Osteology*. 2nd ed. San Diego, Academic Press.

### Notas

- 1 - NE=Nordeste
- 2 - SW=Sudoeste
- 3 - NO=Não observável
- 4 - MD=Membro direito
- 5 - ME=Membro esquerdo
- 6 - O=Oeste
- 7 - E=Este



## FIGURAS



Figura 1: Localização de Torre Velha 13 na Península Ibérica.

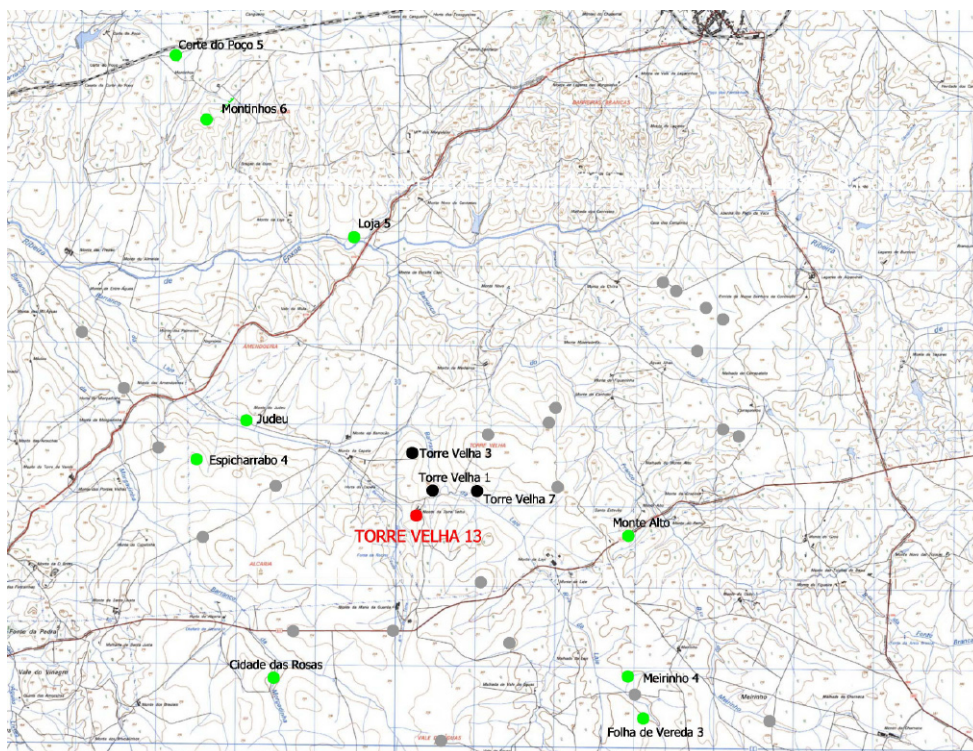


Figura 2: Localização da Torre Velha 13 na carta militar n.º 523(Fonte EDIA) [verde – ocorrências de cronologia romana e tardo-romana (Execução Bloco de rega Brinches-Enxoé); a cinzento – ocorrências de outras cronologias (Execução Bloco de rega Brinches-Enxoé); preto – ocorrências de cronologia romana e tardo-romana (Execução Barragem da Laje)]



Figura 3: Vista parcial da área de intervenção (Área B do Núcleo I).

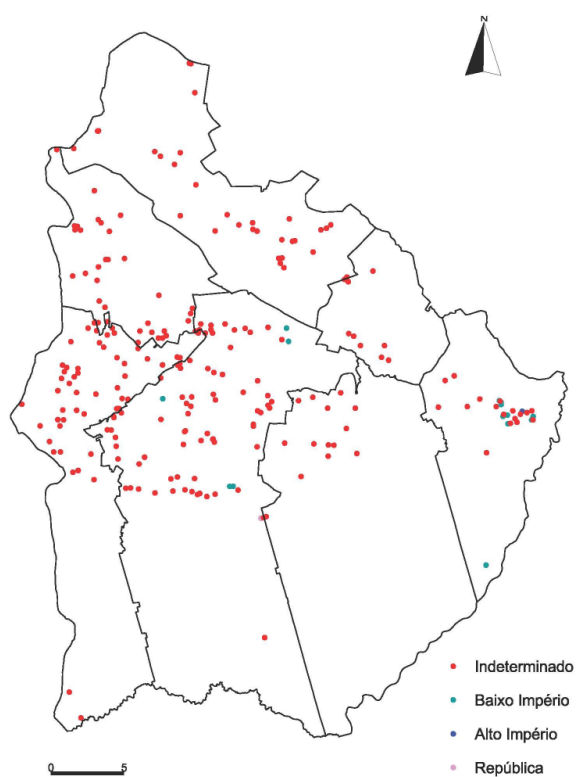


Figura 4: Património arqueológico Romano no concelho de Serpa.





Figura 5 - Localização da área intervencionada sobre ortofotografia (fonte EDIA, S.A.)



Figura 6: Planta geral da intervenção, implantação sobre o projecto.



Figura :7 Sepulturas das sondagens 1, 2 e 3. Atente-se à presença do tipo *Estructura de tegulae a doble vertiente* (sondagem 1 e 2) e *Fossae com cubierta horizontal de tegulae* (sondagem 3).

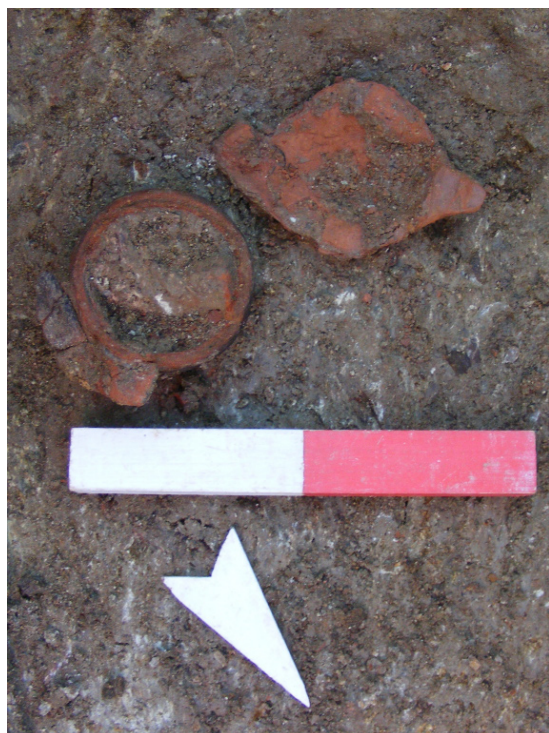


Figura 8: Espólio presente numa das sepulturas da sondagem 7. É bem visível o fraco estado de preservação destes recipientes.



Figura 9: Um dos vasos presentes na sepultura da sondagem 15.

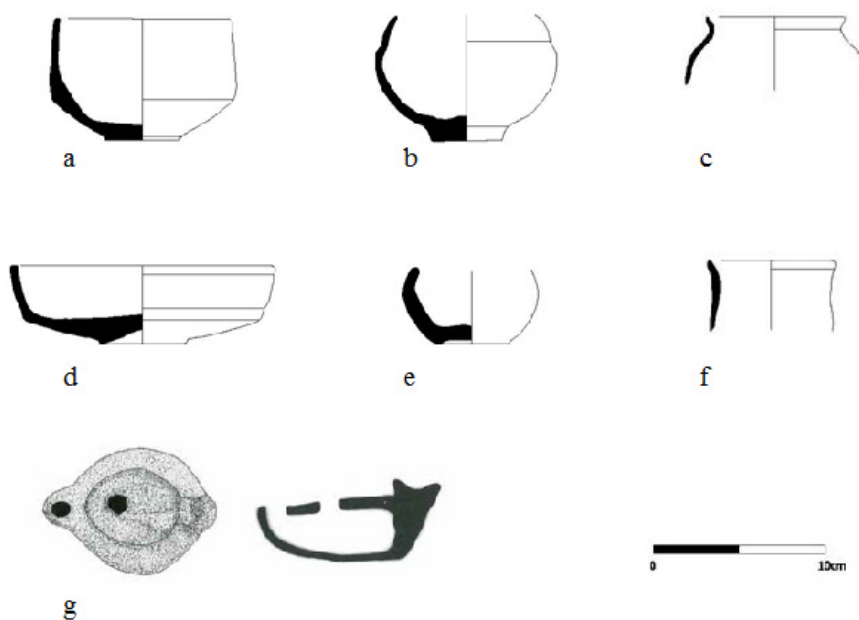


Figura 10: Desenhos de alguns exemplares cerâmicos presentes na Torre Velha 13.





Figura 11: Fotografia de alguns exemplares cerâmicos e em vidro presentes na Torre Velha 13.



Figura 12: Vista geral da sepultura identificada na sondagem 16 e que albergava o indivíduo [1605]. É observável a presença de água no seu interior e o abatimento da Cista.



Figura 13: Vista geral da sepultura identificada na sondagem 5 e que albergava os restos ósseos do indivíduo [506]. É visível o abatimento das tégulas para interior da área de inumação.

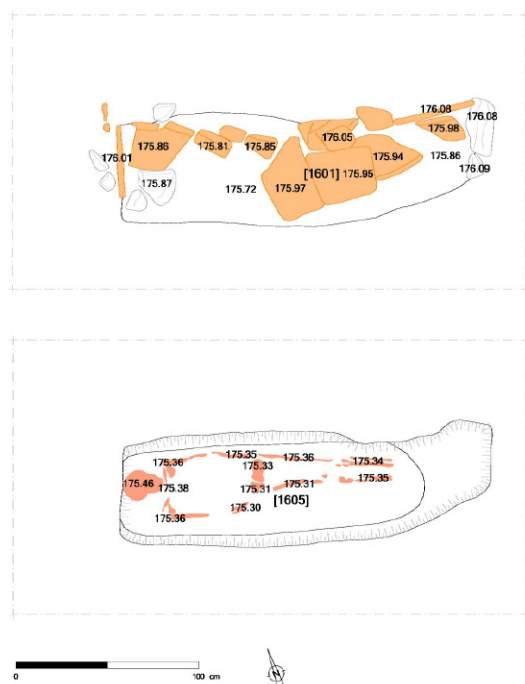


Figura 14: Representação gráfica do tipo de cobertura e nível de inumação da sepultura da sondagem 16.



Figura 15: Vista geral do indivíduo [1605]. É possível observar a presença de água no interior da sepultura.